

*Livros cosidos, com folhas não
aparadas, como no passado. A coleção
liga-se assim à História do Livro
e associa-lhe uma vantagem ecológica,
evitando o desperdício de papel.*

I

O mundo de cada um é limitado pelo que abrangem os raios da sua capacidade visual ou pelo que lhe sugere a sua imaginação. Esta em mim sempre foi de fôlego curto, assim como o meu círculo social muito restrito. Uma e outra coisa tornaram-me como que medrosa de mim mesma. Não tendo sabido viver, sinto entretanto um prazer confuso em reviver, em levantar os meus mortos, pôr-me a olhar para eles e colher aqui e além, nos frangalhos da memória, a expressão fugidia de certas paisagens e de certos seres.

Monotonia, pobreza — Muito ao longe, um gato cinzento — o “Chimarrão” —, porque nos tinha sido dado por um rio-grandense; um ângulo de quintal onde eu permanecia a brincar à sombra de uma casuarina a cuja vigilância minha mãe parecia confiar-me. Lembro-me ainda de a ouvir dizer quando me queria afastar de si:

— Vai para a casuarina.

Às vezes penso que naquela árvore existia uma alma humana, tanto ela me entretinha, atirando-me aos pés as suas

agulhas, que eu enfeixava; dando-me sombra, ou pondo-se a cantar, se o vento a agitava. Na própria saudade com que a evoco, ou com que, fora de nenhum propósito, ela se desenha na minha lembrança imensa e rumorosa, tenho a impressão de uma consciência a querer comunicar-se com a minha.

Foi na casa da casuarina que vivi até aos cinco anos. Do interior lembro-me principalmente do papel ordinário da sala de jantar, pintalgado de chins e de quiosques. Eu morava em um deles, representada por uma sujeitinha minúscula de bata cor de anil.

Todas as outras da pintura eram minhas comadres. De algumas coisas mais recordo-me às vezes, mas numa fugacidade tal que não me deixam a sensação da saudade, mas a da dúvida.

Só a casuarina...

Foi nesse prédio da rua de S.^{ta} Ana que meu pai morreu de febre amarela. A epidemia nesse ano não se contentara com pouco. Só no quarteirão em que morávamos, todo constituído por pequenas casas de porta e janela, tinham morrido mais de cem pessoas. E atribuíram a morte de meu pai ao ter ele comido duas mangas num armazém da Alfândega, onde trabalhava. O terror pela fruta inocente ficou por amor disso implantado na família. Durante o período da doença, tanto a minha mãe, como a preta velha que a ajudava nos serviços domésticos, mal bastavam para os cuidados exigidos pelo

enfermo a cujo leito deixavam-me encostar, inconscientemente. No dia do enterro tive medo. A casa encheu-se de vizinhas mais curiosas que prestativas. Ninguém se receava do contágio. Todo o mal atribuído às frutas: meu pai pelas mangas; a menina em frente por ter chupado cajus quentes do sol...

À hora da saída do corpo arrastaram-me à força para a última despedida, queriam que eu beijasse o cadáver. Debatí-me, mordi os dedos que me seguravam e num arranco fugi para o quintal a refugiar-me sob a árvore protetora.

Como ela cantava!

Março agonizava assoprado por um vento quente, precursor de tempestade; um vento que não aliviava os corpos abraçados mas agitava as ramagens. A casuarina cantava como se quisesse fazer-me esquecer a cena lúgubre.

Mas eu não esquecia.

Com as costas unidas ao muro, os olhos secos de espanto, sufocando as palpitações do meu coraçãozinho como se a sua bulha bastasse para chamar sobre mim a atenção de toda a gente, fiquei muda, sentindo no corpo a frialdade daquele cadáver, com a sensação de que me iriam buscar para me embulharem na sua roupa de espectro, larga, escura, cortada pelos traços longos dos dois cordões brancos.

Na morte, não era o pavor da cova negra o que me assustava mais, era a presença do Pai do Céu, de que me falavam

a todo o instante, como uma punição para as minhas travessuras e um prêmio para virtudes que eu não conhecia e me pareciam de assombro!

Efetivamente, que ouvia eu desde manhã até à noite?

“Menina não faça assim, que Deus castiga.”

Deus castiga!...

Por isso eu tremia toda, pensando que me queriam levar com meu pai para a presença desse juiz inflexível, tão alto que se não pudesse curvar até às minhas faces lacrimosas para o beijo da piedade e do perdão.

Já o corpo do finado ia nos solavancos do carro de terceira classe pela rua fora, quando minha mãe foi buscar-me. Vendo-a gritei que me deixasse e debati-me entre os seus braços.

Dizem que o som da voz de quem morreu é a primeira coisa que se perde na lembrança de quem fica, e após tantos anos, sinto ainda nos ouvidos o timbre enrouquecido da voz de minha mãe nesta frase inesquecível:

— Entra. Ele foi-se embora.

Foi-se embora... Que alívio.

Da morte de meu pai foi a sensação que me ficou. Amei-o? Talvez, não me lembro. A convivência era pouca ou nenhuma. Ele passava a vida na rua, e eu agarrada às saias de minha mãe e de uma velha fula religiosíssima que toda se desmanchava em contar-me histórias de fantasmas e de terrores do diabo.

“Quem atira pedra, vai para o inferno! Quem rouba açúcar do açucareiro, vai para o inferno! Quem foge para a rua, vai para o inferno!”

Oh!

As minhas culpas começaram cedo a pesar-me na consciência...

Não posso acompanhar o movimento da transição da nossa vida na Cidade Nova, para a outra que iniciámos num modesto cortiço da rua de S. Cristóvão.

Aí já minha mãe não tinha consigo nem mesmo a velhinha que nos acompanhava outrora, e que partiu não sei para onde, nem com quem. Lembro-me de que vivíamos nós duas sós; minha mãe engomando para fora, desde manhã até à noite, sem resignação, arrancando suspiros do peito magro, mostrando continuamente as queimaduras das mãos e a aspereza da pele dos braços, estragada pelo sabão. Custou-lhe afazer-se aos maus-tratos da miséria. Mas que resignação, depois!

Cresci vagarosamente, como se me não bastasse para o desenvolvimento o espaço estreito daquela alcova, em que, de verão e de inverno, ela trabalhava, vestida com o pobre traje de viúva, já velho e ruço, mal arranjado em seu corpo de tísica, muito delgado...

Eu, às vezes, ia brincar para a porta com umas crianças da vizinhança; mas as pequenas eram brutinhas e

magoavam-me os pulsos, puxando com força por mim. Eu caía, chorava alto, minha mãe corria a socorrer-me e levava-me ao colo para dentro. Sentia-lhe a respiração ofegante, as mãos muito quentes, e os beijos secos, queimados, que ela unia às minhas faces em beijos longos e sentidos.

— Vês? dizia-me, com voz enfraquecida e rouca, arranhaste os joelhos... Deixa-me ver as mãozinhas... estão esfoladas também! E molhava-mas cuidadosamente, como se eu tivesse doença de perigo ou dolorosa, com todo o mimo e desvelo. Outras vezes impacientava-se e fazia-me chorar...

Voltava depois ao trabalho; arregaçava as mangas, dava-me uma bruxa de pano e uns retalhos, para que eu me entretivesse.

Eu não me entretinha e ela recomeçava a engomar ao longo de uma tábua assente de um lado no peitoril da janela e do outro nas costas de uma cadeira.

Fuxicando aventais impossíveis, eu acabava por adormecer. Quando abria os olhos via-me coberta por uma manta e com um véu sobre o rosto para que me não importunassem as moscas. Quantas moscas! O matadouro nas vizinhanças infeccionava o bairro enchendo-o ao mesmo tempo de mau cheiro, de insetos e de urubus.

A atrevida familiaridade destas aves trazia-as a enfileirarem-se sobre o muro baixo do Cortiço e a se servirem para seu

poleiro habitual de uma árvore seca e esgalhada que havia ao fundo no pátio das tinhas, onde se juntavam as lavadeiras. Aquela árvore sem ramagem, coberta de asas negras, fazia-me pensar nas histórias de bruxedo da preta velha da rua de S.^{ta} Ana.

Enfraqueci; mirrei, encheu-se-me o pescoço de caroços linfáticos.

Nosso almoço era café e pão: café sem leite, muito fraco. O meu quinhão era sempre maior. Findo o almoço, ia eu, como na véspera, para a porta, atraída pelos gritos alegres das crianças, e dali voltava chorosa, oprimida pela superioridade das outras, muito mais fortes do que eu. A Carolina, o Juca, a Dodô, a Rita...

Chamavam-me lesma! mole, palerma! e riam-se das minhas quedas, da minha magreza e da minha timidez. Eu em começo estranhava aquela moradia, com tanta gente, tanto barulho, num corredor tão comprido e infecto, onde o ar entrava contrafeito, e a água das barreiras se empoçava entre as pedras desiguais da calçada negra.

Minha mãe não permitia que eu me desembaraçasse como as outras; tinha sempre os olhos em mim.

Se eu me desviava um pouco gritava logo:

— Marta! para aqui!

E eu corria a encolher-me junto a seus pés, toda enroscada como o “Chimarrão”. Onde estaria ele?

O mais abominável no Cortiço era o tempo das chuvas e da forçada reclusão. Nunca me senti com vocação para caracol.

Minha mãe não me levava consigo quando saía a entregar a roupa dos fregueses. Deixava-me em casa de uma vizinha, uma ilhoa bruta que batia nos filhos e injuriava o marido. A escola não podia ser melhor! O que veem os olhos da inocência, não penetra no entendimento. Quando este chega, já há a filosofia do sofrimento. Foi o que me valeu.

Carolina, a filha mais velha da ilhoa, era compassiva e defendia-me da maldade dos irmãos mais novos, sobretudo do Juca, pequeno corado e lindo como uma flor mas de uma travessura atormentadora. Um dia ela notou que eu tinha fome e deu-me um bocado de carne. Minha mãe andava por fora na sua lida e eu consolava-me roendo alegremente a minha fatia de assado quando a ilhoa chegou.

— Quem te deu isso? — perguntou-me.

Eu tinha a boca cheia e não pude responder.

A Carolina disse sem titubear, com toda a sua costumada serenidade, que tinha sido ela...

A mãe enfureceu-se e bateu-lhe. Embora chorando, a Carolina afirmava que o quinhão que me dera era o seu, só o seu; que ela não tinha vontade de jantar...

— Não me importa, continuava a enraivecida mulher, bato-te para que saibas que não se mexe na comida sem minha licença!

Desatei em pranto e foi assim que minha mãe me encontrou.

Chegando a casa contei-lhe tudo; ela fez-se pálida, teve um ataque de tosse, depois, ainda anelante de cansaço, procurou aquietar-me, prometendo que não me deixaria mais, e iria entregar a roupa aos fregueses em minha companhia.

Assim foi. Na primeira semana saí também.

Era um dia de verão. Eu sentia o calor das pedras da calçada e das paredes das casas onde ia roçando os dedos.

Em mais de meio do caminho, minha mãe parou de repente, ao ver uma senhora que se aproximava e puxou-me para dentro de um corredor, dizendo, quase que maquinalmente: — Deixá-la passar, não quero que me veja...

Ali estivemos alguns minutos, até que tornámos a sair para a rua. A tal senhora sumira-se em uma esquina.

— Quem é?

— Era uma amiga minha...

— Porque não lhe falou?...

Minha mãe suspirou e não respondeu. A resposta tive-a eu anos depois, do tempo, da idade e dos desenganos. Porque não reconheceria uma mulher elegante, como amiga, em plena rua, a uma outra quase andrajosa, vergada sob um fardo descomunal de roupas engomadas, toda anelante de suor e de cansaço? Haveria entre as duas uma barreira que a minha pequena altura não me permitia dominar?